

Artigo

O Jornal Escolar *O Estudante Orleanense* e as representações de maternidade e mãe: um diálogo possível com a filósofa Simone de Beauvoir

The School Journal *The Student Orleanense* and representations of motherhood and mother: a possible dialogue with a philosophy Simone de Beauvoir

El Diario Escolar *El estudiante orleanense* y las representaciones de la maternidad y la madre: un diálogo posible con la filósofa Simone de Beauvoir

Cintia Gonçalves Martins¹, Giani Rabelo²

Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma – SC, Brasil

Resumo

A investigação aqui apresentada teve como intenção pesquisar, por intermédio da análise documental, as representações de maternidade e mãe no Jornal Escolar “O Estudante Orleanense” produzidos entre os anos de 1949 e 1973 pelos/as alunos/as do Grupo Escolar Costa Carneiro. A referida instituição de ensino se encontra localizada no município de Orleans, no extremo sul do estado de Santa Catarina. Atualmente, a escola tem a denominação de Escola de Educação Básica Costa Carneiro e pertence à rede pública estadual de ensino desde sua fundação, na década de 1930. O Jornal Escolar constitui-se em um artefato pedagógico que esteve fortemente presente nos educandários catarinenses durante o século XX e que, atualmente, está salvaguardado nos acervos documentais de algumas escolas. Ao todo, foram encontrados 57 Jornais Escolares que estão disponibilizados no Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina (CEMESSC), no formato virtual. A análise foi realizada à luz de algumas das reflexões apresentadas na obra “O Segundo Sexo”, da escritora francesa Simone de Beauvoir (1949), sendo o tema elencado na produção da filósofa as questões relacionadas à maternidade.

¹ Docente do curso de Pedagogia e das Licenciaturas integradas da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - UNESC. Vice-líder do grupo de pesquisa História e Memória da Educação – GRUPEHME/UNESC. ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-5073-1026> E-mail: cintiamartins@unesc.net

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e do curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-doutorado na Universidade de Lisboa (Instituto de Educação) e Universidade do Estado de Santa Catarina (Faculdade de Educação). Líder do grupo de pesquisa História e Memória da Educação – GRUPEHME/UNESC. ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-3304-8268> E-mail: gra@unesc.net



Abstract

The research presented here was intended to search, through documentary analysis, as representations of mother and motherhood in the Journal Escolar "O Student Orleanense" possibilities between the years 1949 and 1973 by the students of the Grupo Escolar Costa Carneiro. The educational institution is located in the municipality of Orleans, in the extreme south of the state of Santa Catarina. Currently, the school has the name of Escola de Educação Básica Costa Carneiro and belongs to the state public school system since its foundation, in the 1930s. century and which is currently safeguarded in the documentary collections of some schools. Altogether, 57 School Newspapers were found that are available at the Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina (CEMESSC), in virtual format. The analysis was carried out in the light of some of the reflections in the work "The second sex" the French writer Simone de Beauvoir (1949), with the theme being listed in the philosopher's production as issues related to motherhood.

Resumen

La intención de la investigación aquí presentada fue investigar, a través del análisis documental, las representaciones de la maternidad y de la madre en el Jornal Escolar "O Estudante Orleanense" producidas entre los años 1949 y 1973 por los estudiantes del Grupo Escolar Costa Carneiro. La mencionada institución educativa está ubicada en el municipio de Orleans, en el extremo sur del estado de Santa Catarina. Actualmente, la escuela se llama Escola de Educação Básica Costa Carneiro y pertenece a la red de educación pública estatal desde su fundación en la década de 1930, constituye un artefacto pedagógico que estuvo fuertemente presente en las escuelas de Santa Catarina durante el siglo XX y que actualmente está presente. resguardados en los fondos documentales de algunas escuelas. En total, 57 Periódicos Escolares fueron encontrados y están disponibles en el Centro de Memória de la Educación del Sur de Santa Catarina (CEMESSC), en formato virtual. El análisis se realizó a la luz de algunas de las reflexiones presentadas en la obra "El segundo sexo", de la escritora francesa Simone de Beauvoir (1949), siendo la temática recogida en la producción de la filósofa las cuestiones relacionadas con la maternidad.

Palavras-chave: Mãe, Maternidade, Jornal Escolar, Simone de Beauvoir.

Keywords: Mother, Maternity, School Newspaper, Simone de Beauvoir.

Palabras clave: Madre, Maternidad, Periódico Escolar, Simone de Beauvoir.

Introdução

Propomo-nos, neste artigo, contribuir para a discussão acerca das representações do gênero feminino que circularam no âmbito escolar a partir dos Jornais Escolares os quais fizeram parte do projeto metodológico de ensino e aprendizagem das escolas da rede pública do sul catarinense em tempos pretéritos. Com essa finalidade, o objetivo central deste escrito é expor as representações de mãe e da maternidade que foram disseminadas no



Jornal Escolar “O Estudante Orleanense” nos textos comemorativos referentes ao “Dia das Mães”, entre as décadas de 1950 a 1970³.

Os jornais escolares⁴ foram documentos produzidos pelos/as educandos/as a partir de práticas escriturais, as quais levaram à produção de um suporte material que contribuiu para a cultura escolar dos estabelecimentos de ensino brasileiros. No estado de Santa Catarina, essa prática foi incorporada nos educandários nos primórdios do século XX, isto é, a inserção dos Jornais Escolares nas escolas públicas se deu em um processo de mobilização nacional dos governos e intelectuais republicanos, na busca de uma identidade nacional e de novas práticas educacionais, com o intuito de civilizar, higienizar e disciplinar a população para uma suposta sociedade moderna e homogênea que estava sendo almejada no período.

Em Santa Catarina, foram vários os investimentos na educação, tendo início com a construção de Grupos Escolares, a aquisição de materiais pedagógicos, a formação de educadores/as e a criação de inúmeras leis e decretos que intervieram na busca de modernas metodologias educacionais para formar sujeitos com forte identidade nacional e patriótica, mão de obra trabalhadora para a construção da nova nação e crianças com valores morais, cívicos e éticos baseados em princípios católico-cristãos. O principal objetivo era “[...] despertar os sentimentos de amor e dever à família, à sociedade e, principalmente, à pátria” (Bencostta, 2005, p. 75.).

Entre as medidas governamentais em Santa Catarina para consolidar esse projeto no âmbito do modelo de educação Escolanovista estava a criação das Associações Auxiliares da Escola (AAEs) – das quais a Associação Jornal Escolar fazia parte. Tais associações foram implantadas pelo Decreto Estadual nº 2.991, de 28 de abril 1944, em instituições escolares das redes estaduais, municipais e privadas, no Governo do interventor Nereu Ramos (1937-1945) (Santa Catarina, 1944). As AAEs buscavam levar para os ambientes escolares práticas educacionais relacionadas ao cotidiano dos/as alunos/as, com o objetivo de aproximar os conhecimentos e as vivências sobre a vida em sociedade, como também promover a aproximação entre escola e família, bem como a valorização das produções realizadas pelos/as educandos/as.

Nesse sentido, as AAEs – entre elas o Jornal Escolar – foram estabelecidas por decretos e leis que descreveram detalhadamente o seu funcionamento, as suas atribuições e como elas deveriam ser postas em prática nos estabelecimentos de ensino.

Na análise das representações do feminino contidas nos cinquenta e sete (57) jornais escolares da Escola de Educação Básica Costa Carneiro examinados, os quais foram produzidos entre os anos de 1949 a 1973, observa-se que a função social disseminada da mulher estava inter-relacionada com a maternidade, visto a linguagem sexista, a divisão das funções que compunham a diretoria do Jornal Escolar na perspectiva da divisão sexual do trabalho, bem como os silenciamentos em relação às personagens históricas, heroicas.

³ Acreditamos ser necessário colocar essa informação depois – pois ela consta o nome da instituição que esse trabalho foi produzido – e o nome dos/as autores/as.

⁴ O *corpus* documental desta pesquisa encontra-se digitalizado e sistematizado no Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina – CEMESSC. Disponível em http://www.bib.unesc.net/muesc/muni_07.php.



Era comum demonstrar as representações do feminino vinculadas ao cuidado, à bondade e à beleza, ensinando para as meninas, as alunas leitoras, que o modelo ideal de mulher era ser dona de casa, esposa e, conseqüentemente, mãe. Essa tríade de ofícios considerados próprios da natureza feminina está emblematicamente evidenciada nos textos, nos poemas e nas figuras que compõem o Jornal Escolar, especialmente nas composições referentes à comemoração do Dia das Mães no mês de maio.

Para problematizar a maternidade nos impressos escolares, buscamos na obra *O Segundo Sexo*, volume um (1), “Fatos e Mitos”, e volume dois (2), “A Experiência Vivida”, da autora e filósofa Simone de Beauvoir (1949), os elementos necessários para as análises, pois a estudiosa é uma das primeiras intelectuais a questionar a condição na qual as mulheres estavam imersas no meio social, afirmando que não são as características biológicas, psíquicas ou econômicas que definem como a mulher se constitui socialmente, mas o meio social em que ela está inserida é que irá defini-la como mulher, assim questionando os argumentos que naturalizam os atributos ditos femininos.

A constituição do dia das mães no Brasil: alguns apontamentos

A análise foi realizada em cinquenta e sete (57) exemplares do Jornal Escolar “O Estudante Orleanense”. Desses exemplares, nove (9) apresentam quinze (15) textos nos quais as mulheres aparecem vinculadas à maternidade. Sete (7) desses jornais são referentes aos meses de maio (1957/1960/1961/1962/1970/1971/1972) e dois relativos aos meses de março (1970) e abril (1970). Essa quantidade indica a importância concedida pela comunidade escolar à data comemorativa do Dia das Mães.

Referida data de comemoração ocorre no Brasil⁵ desde a década de 1930, no segundo domingo do mês de maio. Ela foi instituída oficialmente como uma data comemorativa do calendário festivo dos estados brasileiros pelo presidente Getúlio Vargas, por meio do Decreto nº 21.366, de 5 de maio de 1932, no qual consta que:

Considerando que vários dias do ano já foram oficialmente consagrados à lembrança e à comemoração de fatos e sentimentos profundamente gravados no coração humano;
Considerando que um dos sentimentos que mais distinguem e dignificam a espécie humana é o de ternura, respeito e veneração, que evoca o amor materno;
Considerando que o Estado não pode ignorar as legítimas imposições da consciência coletiva, e, embora não intervindo

⁵ Uma das hipóteses mais utilizadas para explicar a origem da data contemporânea de comemoração do Dia das Mães é a que afirma que, em 1904, a norte-americana Anna Jarvisem, em virtude do falecimento de sua mãe, iniciou uma campanha para que fosse escolhido um dia para celebrar as virtudes e a competência de sua mãe, a qual havia prestado serviços comunitários durante a Guerra Civil Norte-Americana (1861-1865). Nos EUA, a data foi oficialmente considerada em 1914, pelo presidente Woodrow Wilson, que declarou o segundo domingo do mês de maio como data para celebrar o Dia das Mães. Assim, podemos sugerir que o presidente Getúlio Vargas se apropriou do modelo norte-americano, introduzindo no Brasil, em 1932, oficialmente o Dia das Mães, sob pressão da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. (Martins, 2017)

na sua expressão, e do seu dever reconhecê-las e prestar o seu apoio moral a toda obra que tenha por fim cultivar e cultivar os sentimentos que lhes imprimem, força afetiva de cultura e de aperfeiçoamento humano, [...] (Brasil, 1932, p. 1).

Assim decreta Getúlio Vargas no artigo 1º:

O segundo domingo de maio é consagrado às mães, em comemoração aos sentimentos e virtudes que o amor materno concorre para despertar e desenvolver no coração humano, contribuindo para seu aperfeiçoamento no sentido da bondade e da solidariedade humana (Brasil, 1932, p. 1).

Observamos que o Decreto que estabelece a data de comemoração do Dia das Mães foi composto por representações que descrevem os atributos destinados às mulheres mães como algo de sua biologia, como uma espécie humana repleta de virtudes, entre elas o amor materno. Todavia, é importante salientar que a data foi oficializada pelo presidente Vargas após a declaração redigida pela ativista Alice Toledo Ribas de Tibiriçá⁶, que buscou tornar um dia do mês de maio a data oficial para comemoração do Dia das Mães, ou seja, a data foi oficializada por meio das reivindicações procedentes da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, mais especificamente por Alice.

Segundo Ana Paula Vosne Martins (2000, 2005), a partir do século XVIII, surgiram muitas literaturas a respeito da grande missão das mulheres, ou seja, a maternidade. Produções de religiosos ou moralistas, especialmente de médicos, definiram os limites da normalidade a fim de doutrinar a natureza do corpo feminino e a maternidade.

No decorrer do século XIX, em virtude de a medicina se consolidar como profissão e adquirir cada vez mais importância, a vida reprodutiva das mulheres acabou se tornando conteúdo de estudos nas faculdades dessa área, de tal modo que se criaram na medicina da mulher duas especialidades para tratar dos mistérios do corpo feminino: a ginecologia, que estuda, além do corpo feminino, o seu aparelho reprodutor, e a obstetrícia, que controla todo o processo da maternidade, desde a gestação ao nascimento e os cuidados com os recém-nascidos, utilizando os conhecimentos da puericultura (Marinho, 2014)

Neste caso, "O ideário da maternidade científica tornou-se um apelo para que as mulheres continuassem exercendo suas funções de mães, só que ressignificadas de acordo com as ideias modernas" (Marinho, 2014, p. 03).

⁶ Alice de Toledo Ribas Tibiriçá foi uma ativista social e feminista, nasceu em Ouro Preto no dia 09 de janeiro de 1886 e faleceu em 08 de junho de 1950. Seu ativismo se destaca na luta pelos direitos das pessoas com lepra, na luta pela cultura e direito das mulheres. Em 1931, a Associação Cristã de Moços de São Paulo convidou-a para fazer uma conferência sobre essa temática, sendo a solenidade realizada no segundo domingo de maio. Em julho do mesmo ano, no II Congresso Internacional Feminista no Rio de Janeiro, redigiu uma mensagem ao então presidente Getúlio Vargas para tornar essa data oficial. Assim, em maio de 1932, Vargas, por meio de decreto, oficializou a data de comemoração do Dia das Mães (Schumacher, 2000).

A maternidade despertou o interesse do estado brasileiro no final do século XIX e início do século XX, especialmente no período em que Getúlio Vargas esteve no poder da presidência. De acordo com Ismael Gonçalves Alves (2014), no período imperial, similarmente com as questões econômicas e militares, a preocupação com a maternidade e com a infância estava vinculada com o imperativo de povoar os interiores do território brasileiro. Tal necessidade se baseava na preocupação das elites brasileiras com as terras que não estavam devidamente ocupadas, estando sujeitas ao domínio do poder estrangeiro. Com a consolidação da república, a construção de um sentimento nacionalista deu início a uma campanha de interiorização que só poderia se concretizar com o estímulo da natalidade, juntamente com as políticas públicas que pudessem garantir o desenvolvimento das crianças.

Joseanne Zingleara Soares Marinho (2014, p. 03), ao analisar as preocupações com a infância, afirma que "[...] além de ser objeto de preocupação e de ação no âmbito da família e da Igreja, a questão da assistência, da educação e da saúde infantis também foram adquirindo caráter social mais amplo e tornaram-se assuntos de competência do Estado". Entre as décadas de 1930 e 1940, principalmente no período do Estado Novo, o governo buscou consolidar um planejamento nacional com a organização administrativa, que criou medidas e ações para o amparo assistencial da maternidade e da infância.

De acordo com Alves (2014, p. 129), a política assistencialista de Getúlio Vargas estava orientada pelo paternalismo, que, em suas palavras,

Entendemos como Estado de orientação paternalista aqueles que elencavam o homem trabalhador como o legítimo receptor dos benefícios sociais, e que tanto sua prole como sua esposa dependiam dele para ter acesso à assistência pública. Além disso, o Estado paternalista possuía uma estrutura burocrática verticalizada que impunha sua vontade aos outros níveis da administração pública e que delimitava o espaço de atuação das mulheres na sociedade a partir da esfera privada. Assim, o paternalismo político e de Bem-Estar levado a cabo por Getúlio Vargas partia do pressuposto que sindicalistas, trabalhadores e os pobres eram uma massa débil, maleável e fácil de ser manipulada por meio de concessões político-sociais que criavam a sensação de amparo e de proteção.

Desse modo, a política assistencialista para a infância e a maternidade com base no paternalismo possuía um caráter hierarquizado, no qual a família serviria como aliada do Estado para controlar e orientar os indivíduos, estabelecendo como função social das mulheres o cuidado com o lar, o marido, as/os filhas/os, ou seja, o papel da mulher era o zelo para com a família e seu principal destino era a maternidade⁷. Ainda de acordo com Alves (2014, p. 132),

⁷ De acordo com Alves (2014), no período Vargas, ocorreu a participação de mulheres nas estruturas de poder, as quais buscavam por políticas públicas para o auxílio à maternidade e à infância. Dentre elas estava a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, tendo como sua principal líder a cientista Bertha Lutz.

A valorização da maternidade e da família durante o Estado Novo calçou suas políticas assistenciais num quadro ideológico paternalista, manipulando os ideais originais do maternalismo, e reelaborando os valores da maternidade em favor de políticas autoritárias e carregadas das ideologias tradicionais de gênero. Desta forma, o Estado brasileiro, assim como o espanhol, italiano, alemão e português, preservou do maternalismo apenas a valorização moral da maternidade, implementado por um processo político vertical e autoritário que delegava às mulheres um papel secundário e dependente dos homens e do Estado.

As políticas assistencialistas de valorização da maternidade e da infância e a consolidação do segundo domingo do mês de maio como data festiva de celebração do Dia das Mães se apresentaram como medidas para a valorização das mulheres enquanto mães. Todavia, contribuíram de forma eficaz para a construção de um modelo único de mulher, especialmente aquele que a designa para a maternidade, como ele sendo a sua função natural. O Estado buscou, por intermédio de suas políticas, a internalização dessa compreensão da maternidade, logo, a escola – como um dos principais ambientes para disseminar os interesses ideológicos do governo Vargas – foi primordial para a difusão dessa premissa.

Em vista disso, a organização da escola por meio das festas escolares, a prática de produção dos jornais escolares, a criação das AAEs, enfim, o modelo de cultura escolar que se estabeleceu nas décadas de 1940, tudo isso contribuiu para a disseminação de um ideal de mulher e maternidade, como podemos analisar nos exemplares do Jornal Escolar “O estudante Orleanense”, especialmente nos meses de maio, data oficial de comemoração do Dia das Mães.

A maternidade e o Jornal Escolar “O Estudante Orleanense”

O exemplar do mês de maio de 1962 apresenta, na primeira página (Figura 01), dois textos e um poema referentes ao Dia das Mães. O poema, intitulado “Minha Querida Mãezinha”, de autoria de Regina Cebi Pereira Monguilhats⁸, refere-se à mãe como a Santa Mãe Virgem Maria, denotando o caráter divino da maternidade, com a indicação de que, ao serem mães, as mulheres se tornaram caridosas como a Virgem Maria uma vez que renunciaram às suas próprias vidas para o cuidado e o zelo de seus(uas) filhos(as).

Thassia Souza Emidio (2011) discorre que a Igreja Católica, ao longo de sua atuação na história, teve o papel de uma instituição civilizadora, repressora e moralizante, assim divulgou para a sociedade imagens negativas das mulheres como pecadoras, traidoras, ingênuas, incompetentes – como exemplo a figura de Eva – e apenas uma imagem positiva por intermédio da

⁸ Não encontramos informações sobre Regina Cebi Pereira Monguilhats.

Virgem Maria, que se tornou santa pela maternidade por trazer ao mundo a salvação dos pecados: o Menino Jesus.

Nesse sentido, esse entendimento corrobora a construção do papel social da mulher, que seria a companheira do homem, aquela que lhe obedeceria e estaria ao seu lado, cuidando do lar e de seus/suas filhos/as, legitimando assim a superioridade e o poder masculino, pois Deus, ao criar o mundo, concedeu ao homem o poder sobre a mulher. Nessa perspectiva, as comparações das mães com a Virgem Maria ou até mesmo o clamor de sua benção sobre as mães, descritos nas páginas do jornal escolar, demonstram essa conexão entre o sagrado e a maternidade.

Para Beauvoir (2009, p. 245), “A igreja exprime e serve uma sociedade patriarcal na qual é conveniente que a mulher permaneça anexada ao homem. É fazendo-se escrava dócil que ela se torna também uma santa abençoada”. A autora argumenta que “[...] é como mãe que a mulher é temível; é na maternidade que é preciso transfigurá-la e escravizá-la”.

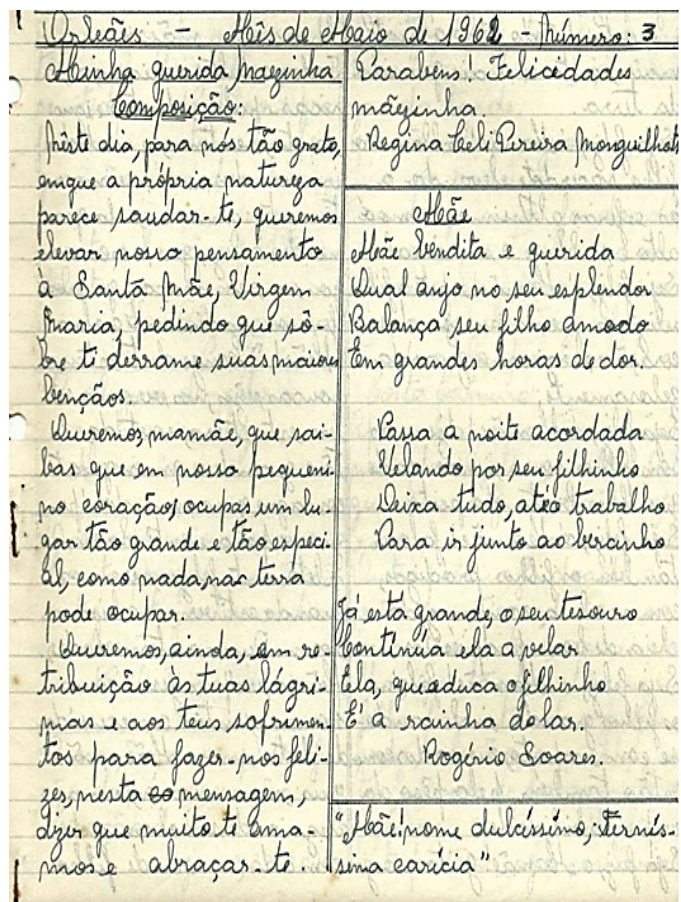
Ao problematizar a construção do discurso católico do século XIX sobre as mulheres e o amor materno, Raquel dos Santos Sousa Lima e Igor Salomão Teixeira (2008, p. 123) argumentam que

A sociedade cria e estabelece conceitos normativos que demarcam lugares, imagens e símbolos relativos às mulheres e aos homens no mundo social. Nesse sentido, o discurso que enaltecia as mães estaria profundamente relacionado à tentativa da Igreja de criar um novo lugar social feminino no século XIX, mas também informa sobre os homens da Igreja, sobre aquilo que eles esperavam das mulheres num momento em que o mundo se tornava menos religioso, pelo menos para os homens leigos, que passaram a ocupar o lugar público, numa época em que a sociedade tendia a se tornar mais laica. Era preciso destinar um lugar especial a elas, que iriam ensinar os novos homens, ajudando assim na construção e manutenção da ordem social.

Ainda, no exemplar de 1962, o aluno Rogério Soares escreve de forma poética que a mãe é aquela criatura que “[...] passa a noite acordada velando seu filhinho, deixa tudo até o trabalho para ir junto ao bercinho” (CEMESSC, 1962, p. 01).

Figura 1 - Jornal Escolar “O Estudante Orleanense” (maio de 1962)





Fonte: Acervo da E. E. B. Costa Carneiro disponibilizado pelo CEMESSC.

No mesmo exemplar de maio de 1962, notamos a forma como a escola se organizava para as festividades em comemoração ao Dia das Mães. A festa era preparada pela AAE – Liga Pró-Língua Nacional – em homenagem às mães da cidade de Orleans, sendo premiadas as que tivessem a maior prole, desde que um(a) dos/as filhos/as tivesse estudado no Grupo Escolar Costa Carneiro.

Na ocasião, foi premiada uma mulher que teve 14 (quatorze) filhos, dos quais cinco (5) tinham sido alunos do colégio. Outra premiação era destinada à mãe mais velha do grupo escolar, a qual deveria ter mais de 50 (cinquenta) anos de idade, cujo(a) filho(a) também tivesse estudado naquele estabelecimento. A festividade seguia com as apresentações das declamações poéticas dos/as alunos/as e de cantos, enfim, eram homenagens para contemplar e alegrar as mães que ali estivessem presentes.

Na sequência do texto, os/as alunos/as repórteres do Jornal Escolar elogiaram a organização da festa em comemoração ao Dia das Mães, exaltando as professoras orientadoras pela competência em preparar a festividade, bem como as alunas responsáveis pela organização.

Figura 2 - Jornal Escolar "O Estudante Orleanense" (maio de 1962)



Fonte: Acervo da E. E. B. Costa Carneiro disponibilizado pelo CEMESSC.

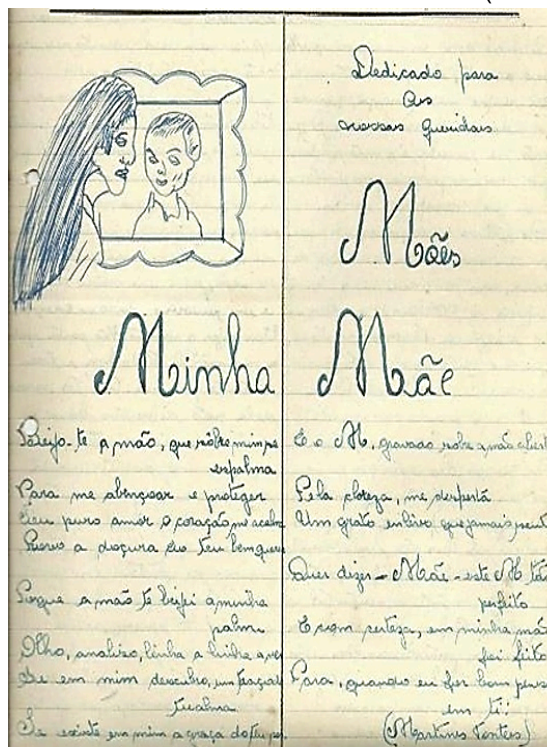
Com tais argumentos, podemos deduzir que a festa era organizada por mulheres/meninas/alunas para outras mulheres, isto é, a festa era “coisa de mulher”, pois os assuntos interessavam apenas às mulheres, colaborando para a compreensão de que a maternidade era um assunto exclusivamente feminino. O texto também parece partir do entendimento de que a formação educacional das meninas tinha como um dos pilares o cuidado dos(as) filhos(as) e da família na condição de futuras mães. Outro ponto fundamental a se observar é a homenagem realizada às mães pela maior quantidade de filhos(as), glorificando-as e tornando-as exemplos a serem seguidos pelas alunas.

Na figura a seguir, no texto “Minha Mãe”, cópia do texto de Martins Fontes⁹, os trechos apresentados no poema demonstram que os filhos devem

⁹ Martins Fontes foi um poeta e médico brasileiro, que nasceu em São Paulo no dia 23 de junho de 1884 e faleceu em 25 de junho de 1937. Entrou no curso de medicina no Rio de Janeiro em

amar incondicionalmente suas mães, pois elas são consideradas pessoas amorosas, seres puros, que têm muita doçura.

Figura 3 - Jornal Escolar "O Estudante Orleanense" (maio de 1957)



Fonte: Acervo da E. E. B. Costa Carneiro disponibilizado pelo CEMESSC.

Em uma linguagem de exaltação à figura materna, o autor busca evidenciar que as mulheres, ao se tornarem mães, serão consideradas sujeitos relevantes para o meio social. Segundo Ana Paula Martins (2005, p. 66):

No início do século XX a maternidade era ainda reconhecida como fonte da dignidade e da superioridade moral das mulheres. Para as feministas que lutavam pelos direitos das mulheres no período entre guerras, a maternidade era um direito, mais do que um dever. Já para as leitoras de Virginia Wolff, Simone de Beauvoir e Betty Friedan como também para as mulheres que viveram os anos da revolução sexual, a maternidade era uma das peças mais importantes para se entender a opressão feminina.

Para Mariana Sbaraini Cordeiro (2013), com a publicação do livro *O segundo sexo*, Simone de Beauvoir se mostrou uma das vozes mais libertárias desse tipo de pensamento. Ela buscou elementos suficientes para distanciar a

1901 e concluiu-o em 1908, trabalhando em diferentes hospitais e regiões. Fontes nunca deixou de escrever. Dentre suas obras, estão os livros "Verão" (1917), "A Dança" (1919), "A Alegria" (1921), "Marabá" (1922), "Arlequinada" (1922), "As Cidades Eternas" (1926), "Volúpia" (1925), "Rosicler" (1926), "O Colar Partido" (1927), "Escarlate" (1928). (Frazão, 2016).

mulher do seu destino biológico. Por consequência, um dos pontos defendidos pela escritora era posicionar-se contra a maternidade.

Nas palavras de Beauvoir (2009, p. 103), a desgraça da mulher "[...] consiste em ter sido biologicamente votada a repetir a vida, quando a seus próprios olhos a vida não apresenta em si suas razões de ser e essas razões são mais importantes do que a própria vida". Ao tratar das questões fisiológicas da gestação, argumenta que

A mulher conhece uma alienação mais profunda quando o ovo fecundado desce ao útero e aí se desenvolve. Sem dúvida a gestação é um fenômeno normal que, em se produzindo em condições normais de saúde e nutrição, não é nocivo à mãe; estabelece-se mesmo, entre ela e o feto, certas interações que lhe são favoráveis. Entretanto contrariamente a uma teoria otimista cuja utilidade social é demasiado evidente, a gestação é um trabalho cansativo que não traz à mulher nenhum benefício individual e exige, ao contrário, pesados sacrifícios. (Beauvoir, 2009, p. 62).

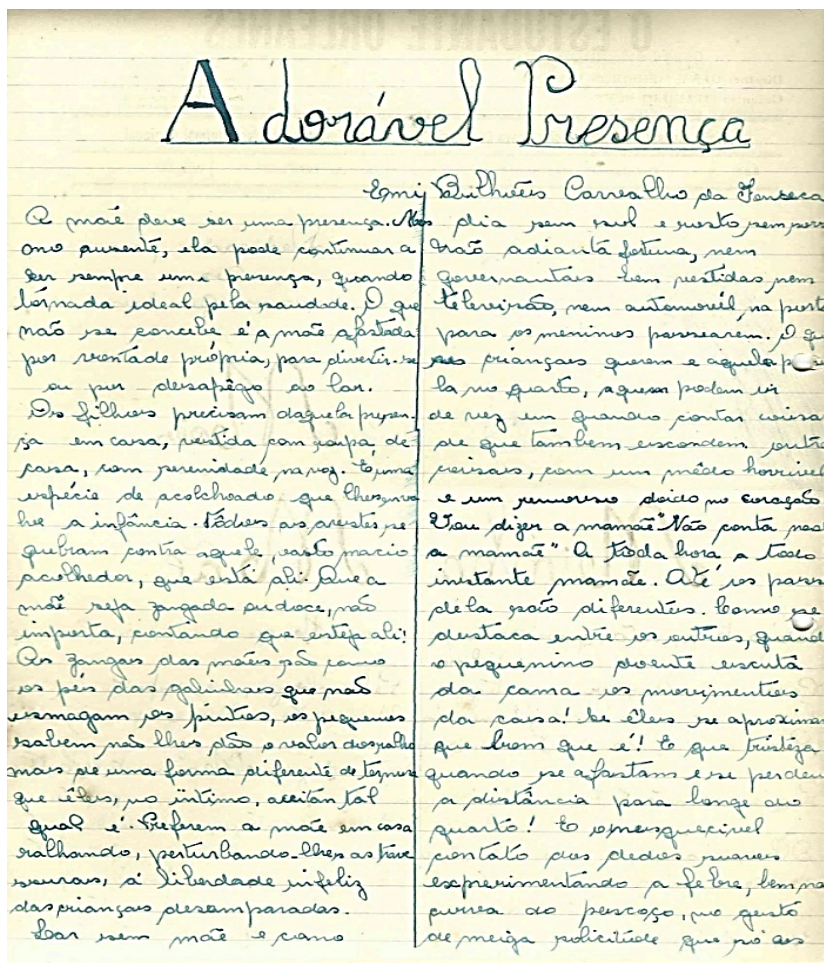
Além disso, a autora exalta que seu ponto de vista estava relacionado às questões fisiológicas da maternidade, pois considerava evidente que, psicologicamente, a maternidade "[...] pode ser útil à mulher, como pode ser um desastre" (Beauvoir, 2009, p. 62).

Na mesma edição do jornal escolar de maio de 1957 se encontra o texto abaixo, denominado "Adorável Presença", assinado por Emi Bulhões Carvalho da Fonseca¹⁰, um texto longo e denso, que ocupou duas páginas do impresso.

¹⁰ Emi Bulhões Carvalho da Fonseca é considerada pela crítica e pelo público uma das maiores escritoras da década de 1940. Foi contista, romancista e cronista, colaborando na imprensa do Rio de Janeiro durante anos, principalmente na revista *O Cruzeiro* (Nascimento, 2014)



Figura 4 - Jornal Escolar "O Estudante Orleanense" (maio de 1957)



Fonte: Acervo da E. E. B. Costa Carneiro disponibilizado pelo CEMESSC.

Figura 5 - Jornal Escolar "O Estudante Orleanense" (maio de 1957)

Se elas se absterem como enchem a
vidas aos pequeninos como não
maravilhosas e como lhes marca
para sempre a infância por
mães não fariam aqueles
pequenos anos que se passam tão
depressa pelos mais pintados
paninho ou chá elegante para
melhor festa. "Mãe!!" chama
criança onde está e que gosto no
que é ouvir a voz que lhe
responde simplesmente, de um
ponto ou outro da casa. "Que
é meu filho?"
E eles chamam as peças a
tira por chamar no para sentir
e ter a certeza de que a mãe
anda mesmo espava por
siti.

Fonte: Acervo da E. E. B. Costa Carneiro disponibilizado pelo CEMESSC.

O texto retrata como a mulher/mãe deveria se portar perante seus(uas) filhos(as); qual a importância de uma mãe presente no lar, destinada a educar e a conduzir as crianças para o futuro, não importando se era uma mãe é dócil ou severa, pois o que realmente interessava é ela estar presente no lar. Dessa forma, o texto apresenta a seguinte frase: "O que não se concebe é a mãe afastada por vontade própria, para divertir-se ou por desapego ao lar, os filhos precisam daquela presença em casa, vestida com roupas de casa, com seriedade na voz." (CEMESSC, 1957, p. 02).

Tal excerto indica que a maternidade aprisionava a mulher ao lar, não possibilitando transcender essa condição, tendo que abdicar de suas práticas profissionais e de lazer, limitando-se ao espaço privado do lar e ao cuidado dos(as) filhos(as). A frase "Lar sem mãe é como dia sem Sol, rosto sem sorriso" (CEMESSC, 1957, p. 02) denuncia a imposição de um comportamento para as mulheres casadas e mães.

O excerto ainda corrobora o pensamento de Beauvoir (2009, p. 88) quando ela destaca que "[...] a maternidade destina a mulher a uma existência sedentária". Na visão da autora, o trabalho "fora do lar" trará para a mulher apenas um encargo a mais, pois, além do trabalho doméstico e do cuidado dos(as) filhos(as), a mulher terá mais uma função, não sendo suficientemente remunerada, recebendo um salário apenas como um complemento para as despesas do lar. Nesse sentido, Simone Beauvoir argumenta que "[...] o nascimento de um filho as obriga a confinarem-se em seu papel de matrona; é atualmente muito difícil conciliar trabalho com maternidade." (Beauvoir, [1949] 2009, p. 85).

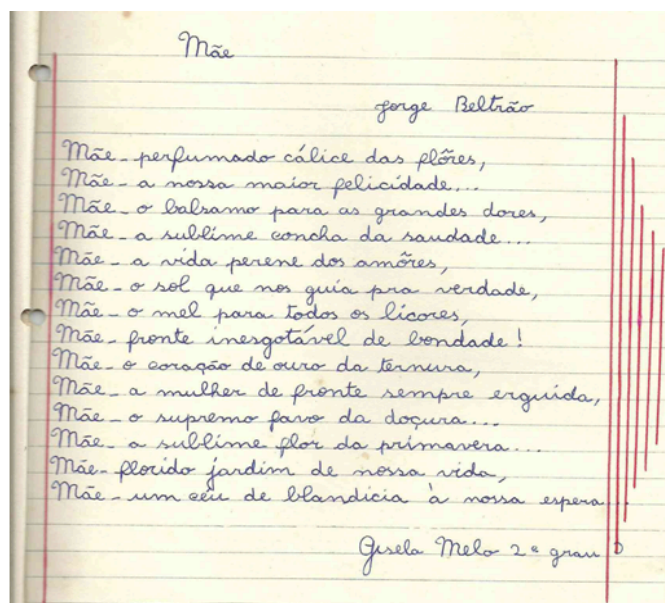
Nota-se, a partir do texto publicado no Jornal Escolar "O Estudante Orleanense", a construção da mãe amorosa, cuidadosa, a qual abdica de sua vida pública pela vida privada do lar e pelo cuidado dos(as) filhos(as), ocultando os problemas da maternidade para a sua autonomia social, bem como considerando a maternidade e o trabalho doméstico não como um serviço, mas uma função social e moral das mulheres.

Sobre a maternidade, Mariana Sbaraini Cordeiro (2013) argumenta que o filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau teve um papel fundamental para cativar as mulheres e fazer "aflorar" nelas o instinto maternal. Em suas obras, especialmente no livro "Emílio", publicada em 1762, o filósofo enaltece o destino biológico da maternidade para as mulheres, sendo um argumento utilizado por muitos governos e filósofos para justificar o lugar delas e sua função social.

Thassia Souza Emidio (2011, p. 73) afirma que "Em Emílio, Rousseau também destacava que a mulher precisava ser educada somente para ser boa mãe e boa esposa, considerando a verdadeira vocação feminina". Já Beauvoir (2009, p. 163) relata que "Rousseau, que aqui se faz o intérprete da burguesia, destina a mulher ao marido e à maternidade".

Na análise dos jornais, constatamos a forte herança dos princípios rousseauianos, uma vez que os textos retratam o amor materno como algo biologicamente dado e naturalizam a maternidade, colocando a mulher/mãe em uma posição privilegiada quando se torna mãe, como podemos observar no poema de Jorge Beltrão, denominado "Mãe", reproduzido pela aluna Gisela Melo, do 2º Grau D, no exemplar de maio de 1971:

Figura 6 - Jornal Escolar "O Estudante Orleanense" (maio de 1971)



Fonte: Acervo da E. E. B. Costa Carneiro disponibilizado pelo CEMESSC.

Tal poema assegura que as mães são sempre descritas como sinônimos de amor, doçura, compaixão, bondade e dedicação, cooperando para a construção de padrões e papéis femininos, os quais retratam que as mulheres nasceram para a maternidade, que todas elas devem ser mães. A

mulher, com a gestação, "[...] passa a ser vista como um ser duplo, mulher e mãe, sendo revestida por uma aura de sacralidade que perpetuou o mito do amor materno" (Cordeiro, 2013, p. 02), ou seja, com o nascimento da criança, a mãe se devota totalmente ao(à) filho(a), negando-se como um sujeito.

Desse modo, ao longo da formação da sociedade, principalmente no contexto capitalista, ser mãe constituiu-se em algo instintivo, essencial a todos os seres femininos. Nesse sentido, a mulher se torna um ser completo quando consegue vivenciar o ciclo considerado "natural", portanto, toda fêmea humana deve então crescer, casar, ter filhos(as) e morrer (Cordeiro, 2013).

No jornal escolar de maio de 1957, os(as) estudantes expuseram uma nota no exemplar, antes da apresentação do cabeçalho, dedicada exclusivamente às mães do Grupo Escolar Costa Carneiro, novamente com declarações de amor e doçura. Na sequência, o jornal foi composto pelo texto "Dia das Mães", escrito por Ademir Correia, apresentando como ocorreram as homenagens referentes ao Dia das Mães no dia 08 de maio de 1957.

O aluno buscou solidificar em sua narrativa que as mães devem ser sempre bem tratadas por seus filhos e que não se deve magoá-las, pois seria uma injustiça, visto que elas trocam sua felicidade pela felicidade de seus filhos. O texto finaliza com a seguinte frase: "O assassino que venera sua mãe, possuie [sic] ainda dentro de si alguma cousa [sic] de honesto e de nobre no coração" (CEMESSC, 1957, p. 01). O texto intenta construir um imaginário determinista sobre a importância materna, retratando que todos amam suas mães, logo, por consequência, a maternidade torna todas as mulheres amadas e felizes.

Figura 7 - Jornal Escolar "O Estudante Orleanense" (maio de 1957)



Fonte: Acervo da E. E. B. Costa Carneiro disponibilizado pelo CEMESSC.

Contradizendo esse argumento determinista, Beauvoir, de acordo com Almeida (1999, p. 153), aponta dois preconceitos sobre a maternidade: que a "[...] realização da maternidade bastaria para satisfazer e tornar feliz a mulher e a de que todo filho encontraria felicidade segura nos braços maternos". A autora problematiza a maternidade, descrevendo como o ato de engravidar pode aniquilar as mulheres. Nas palavras de Beauvoir ([1949] 2009, p. 663-662):

[...] a gravidez é principalmente um drama que se desenrola na mulher entre si e si; ela sente-o a um tempo como um enriquecimento e uma mutilação; o feto é uma parte de seu corpo e um parasita que a explora; ela o possui e é por ele possuída; ele resume todo o futuro e, carregando-o, ela sente-se ampla como o mundo; mas essa própria riqueza a aniquila: tem a impressão de não ser mais nada. Uma existência nova vai manifestar-se e justificar sua existência; disso ela se orgulha, mas sente-se também o juguete de forças obscuras, é sacudida, violentada.

Problematizando o quanto a gravidez e a maternidade podem ser agressivas para as mulheres que pretendem se tornar mãe, Beauvoir ([1949] 2009) argumenta que para as mulheres com condições financeiras favoráveis, que dispõem de uma higiene peculiar e que são saudáveis, a gravidez pode ser algo perfeito, entretanto alerta que,

Mas, muitas vezes, produzem-se durante a gravidez, [sic] acidentes graves ou perigosas perturbações, e se a mulher não for robusta, se higiene não for perfeita, ficará prematuramente de formada envelhecida pelas maternidades: sabe-se a que ponto o caso é frequente no campo. O parto em si é doloroso, é perigoso. É nessa crise que vemos com maior evidência que o corpo nem sempre satisfaz a espécie e o indivíduo ao mesmo tempo. Acontece a criança morrer e também, ao nascer matar a mãe ou acarretar-lhe uma enfermidade crônica. O aleitamento é também uma servidão esgotante: um conjunto de fatores – o principal dos quais é, sem dúvida, o aparecimento de um hormônio, a progesterina – traz às glândulas mamárias a secreção do leite; a ocorrência é dolorosa e é acompanhada, com frequência, de febres, e é em detrimento de seu próprio vigor que a mãe alimenta o recém-nascido. O conflito espécie-indivíduo, que no parto assume um aspecto dramático, confere ao corpo feminino uma inquietante fragilidade. (Beauvoir, [1949] 2009, p. 663).

Nessa perspectiva, a autora apresenta o processo gestacional como um processo doloroso e cansativo, o qual exige muito das mulheres que estão gestando, podendo levá-las a óbito, ou seja, desconstrói os argumentos produzidos de que a gestação é uma experiência maravilhosa para todas as mulheres. De acordo com Mariana Cordeiro (2013, p. 06).



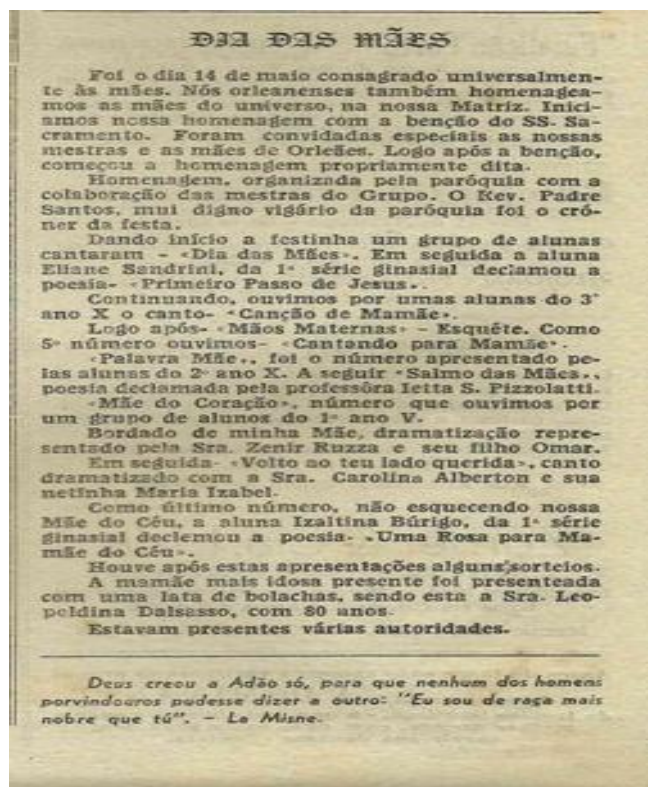
Criou-se uma devoção em torno das mulheres que conseguiam ser mães, resultando em uma força necessária para sobreviver a todas as intempéries da maternidade como as precárias condições financeiras, de saúde e emocionais. Tais dificuldades, se vencidas, serviam de exemplo para todas as outras e sofrimento era visto como o meio de se chegar à máxima expressão da felicidade encontrada na maternidade.

A autora desconstrói a ideia de instinto materno como algo natural; para ela, “[...] a existência precede a essência e, portanto, não há como existir a priori um instinto materno.” (Camargo, 2013, p. 480). Dessa maneira, o que ocorre não é o afloramento do instinto materno e sim uma pressão construída historicamente que faz com que as mulheres abram mão de seus destinos para cuidar dos filhos e dos maridos (Camargo, 2013).

O exemplar do mês de maio de 1961 relata as homenagens em comemoração ao Dia das Mães na Igreja Matriz de Orleans, apontando que foram organizadas pelas professoras do Grupo Escolar e pelo Padre Santos apresentações teatrais, musicais e declarações de poemas para as mães presentes na celebração cristã. Também demonstra que as festividades escolares extrapolavam os espaços físicos da referida escola, o que reafirma o vínculo das instituições públicas de Santa Catarina com a Igreja Católica. O exemplar reforça o discurso moral e divino sobre a maternidade.

Figura 8 - Jornal Escolar “O estudante Orleanense” (maio de 1961)





Fonte: Acervo da E. E. B. Costa Carneiro disponibilizado pelo CEMESSC.

Beauvoir (2009) retrata, a partir de suas pesquisas, que nem todas as mulheres vivenciam o período materno igualmente, ou seja, não existe um modelo padronizado único para essa experiência, dependendo de fatores psicológicos, econômicos, sociais e históricos para ela ser positiva ou negativa. Isso posto, a autora apresenta argumentos que contradizem os discursos sobre a maternidade apresentados pelos governos paternalistas da sociedade ocidental das décadas de 1930 a 1940, bem como as alegações expressas pela Igreja Católica sobre o destino biológico materno das mulheres, a formação da família e o controle da sexualidade feminina.

Ao afirmar que não existe um modelo singular de maternidade, consequentemente, contesta a ideia de que ser mãe é a função social de todas as mulheres. Beauvoir (2009) aponta, inclusive, que com as possibilidades de realização de métodos contraceptivos e com o aborto as mulheres teriam a opção de controlar a concepção de um(a) filho(a), bem como decidir sobre seu corpo. Ela alerta que nem todas as mulheres querem ou desejam ser mães e que não é apenas pelo fato de passarem por todo o processo de gestação que elas se tornaram boas mães, isto é, ser uma boa mãe não é algo da natureza feminina e sim uma construção social.

Assim, a filósofa contribui para desconstruirmos o “mito do amor materno” (Badinter, 1985), tão disseminado nos exemplares do Jornal Escolar “O Estudante Orleanense”, entendendo que as argumentações disseminadas foram produzidas em um contexto histórico e social que determinava modelos sociais dos gêneros, restando às mulheres o lar e a maternidade.

Portanto, essa foi a representação e a referência de mulher/mulheres que as alunas e os alunos do Grupo Escolar Costa Carneiro tiveram acesso

nas décadas de 1940 a 1970 por intermédio do Jornal Escolar “O Estudante Orleanense”, o qual contribuiu para a construção de um imaginário sobre o que é ser mulher, o que é a maternidade e como as meninas/alunas deveriam se portar ao tornarem-se mães.

Algumas considerações finais

O Jornal Escolar “O Estudante Orleanense” foi produzido e circulou no Grupo Escolar Costa Carneiro por três décadas. As(os) educandas(os), professoras(es), pais e funcionárias(os) que transitaram por essa escola tiveram acesso aos seus escritos e suportes. Dessa forma, o impresso fez parte da cultura escolar do educandário, como também da vida das(os) educandas(os) e de todos os sujeitos que fizeram parte da comunidade escolar do “Costa Carneiro”. A relevância dos Jornais Escolares como práticas metodológicas de ensino e aprendizado é notória, com base na legislação e nos Decretos-leis dispostos pelo governo federal e pelo estado catarinense, que os regulamentavam e normatizavam.

Ao problematizar os conteúdos dispostos no Jornal Escolar “O Estudante Orleanense”, observamos as representações disseminadas de mulher/mulheres, em sua maioria, relacionadas às questões da maternidade, isto é, as mulheres foram descritas ou representadas nos textos que compõem o Jornal Escolar apenas no mês de maio, quando se comemora o Dia das Mães. Tais representações são carregadas de prescrições de como ser mãe, o que é ser mãe, como uma mãe deve se comportar socialmente, assim como comparações de mães com Maria, mãe de Jesus, denotando a sacralidade da maternidade. Também discorrem sobre um ideal de maternidade considerado como função social e biológica de todas as mulheres.

Nessa perspectiva, os textos e as imagens publicados nos conteúdos do Jornal “O Estudante Orleanense” contêm argumentos com o intuito de naturalizar a maternidade e o comportamento feminino, contribuindo para a criação de um imaginário social que legitima e reforça a condição meramente biológica da mulher e sua vocação para a maternidade.

As publicações veiculadas não apontam a mulher fora do seu “destino biológico”. Dessa forma, colaboram para a construção da “ditadura da maternidade”, que aprisiona as mulheres ao papel de mãe e de esposas. Contrapondo-se a esse discurso biológico, a filósofa Simone de Beauvoir contribui fundamentalmente para compreendermos a construção do modelo feminino em nossa sociedade, que é permeada por questões sociais e históricas. A autora não nega as condições biológicas das mulheres, entretanto questiona que esse argumento seja o único que as defina, rompendo com o discurso do determinismo biológico que aprisiona as mulheres em sua espécie.

No livro *O Segundo Sexo*, publicado na França em 1949, Simone de Beauvoir realiza inúmeras críticas à maternidade, considerando-a uma forma de escravidão para as mulheres. Desse modo, construiu um contradiscurso sobre a maternidade e a condição das mulheres, empregando-o em sua pesquisa de trabalhos científicos, relatos de experiência de diversas mulheres, de livros de memória, romances escritos por outras mulheres, isto é, de uma extensa pesquisa que extrapola a sua área – filosofia –, percorrendo o campo



da biologia, da psicanálise, da história, da religião, do materialismo histórico e dos mitos.

Simone de Beauvoir (2009) não fez uso da categoria analítica gênero, que foi proposta apenas na década de 1980. Dessa forma, utilizou uma análise ainda binária sobre masculino e feminino. Suas pesquisas foram importantíssimas como base teórica para a construção da categoria de gênero. A autora levou o discurso das diferenças entre homens e mulheres para o campo social, demonstrando que as desigualdades dependem e ocorrem dentro de um complexo contexto histórico e social e que os discursos de inferioridade biológica do feminino não são satisfatórios para legitimar as desigualdades.

Na análise do Jornal Escolar “O Estudante Orleanense”, inicialmente buscamos compreender seu conteúdo não de forma binária, embora os textos dispostos no impresso estivessem dentro dessa lógica. No entanto, mesmo que a ideia fosse analisar os impressos de forma ampla, acabamos tendendo para uma análise binária, pois as fontes nos levaram para essa interpretação.

Todavia, acreditamos que esse tipo de análise não contempla as várias formas de gênero que compõem o universo escolar, pois compreendemos o meio educacional como um sistema plural e diversificado que está em constante transformação. Nessa perspectiva, o ambiente escolar é construído por sujeitos diversos e multiculturais que necessitam ser representados para que possam desconstruir as desigualdades de gênero e possibilitar atitudes de respeito e acolhimento às diferentes identidades de gênero que se apresentam no ambiente escolar.

Nessa esteira, percebemos que os modelos e as representações dispostos para as(os) estudantes no impresso escolar contribuíram para a disseminação de um ideal de mulher e maternidade especialmente nos meses de maio, período em que se comemora o Dia das Mães, reforçando as desigualdades entre os gêneros, visto que aprisionam o feminino a um modelo único, vinculado ao biológico.

Tal entendimento apresenta para as meninas e os meninos a certeza de que todas as mulheres devem ser mães ou que a maternidade e o casamento são destinos para todas as mulheres, bem como que a maternidade é uma experiência única e divina para todas. Isso contribui para uma compreensão singular sobre o que é ser mulher em nossa sociedade, excluindo e discriminando aquelas que não se enquadram nesse modelo.

A cultura machista permanece enraizada em nossa sociedade atual e, infelizmente, não conseguimos superar a condição do determinismo biológico que intenta estipular a condição das mulheres no meio social. Sofremos com a violência doméstica, a diferença salarial, a criminalização do aborto, a violência sexual e a psicológica, entre outras discriminações e violências justificadas a partir do discurso biológico.

Assim, as obras de Simone de Beauvoir (2009) são fundamentais para o debate atual sobre a condição da mulher na sociedade atual, bem como para as lutas por igualdade de gênero e, especialmente, para a emancipação e libertação feminina na sociedade contemporânea, pois seu legado questiona o modelo estabelecido para as mulheres e dialoga com aquelas que não seguem os padrões sociais, replicando o que seria natural para o feminino e rompendo com o destino feminino.



Para concluir, gostaríamos de reafirmar a importância do debate de gênero nas escolas, a fim construirmos processos educativos mais igualitários e democráticos, com base no respeito aos direitos humanos e à diversidade cultural, étnica e de gênero.

Referências

ALMEIDA, Marlise Míriam de Matos. Simone de Beauvoir: uma luz em nosso caminho. **Cadernos de Pagu** (12), "Simone de Beauvoir & os Feminismos do Século XX", CORRÊA, Mariza (org.), Campinas: UNICAMP, Dezembro de 1999.

ALVES, Ismael Gonçalves. **Re(construindo) a maternidade**: as políticas materno-infantis brasileiras e suas implicações na região Carbonífera Catarinense (1920-1960). 2014. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: volume único. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Grupos escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária. In.: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara Bastos. (Orgs.). Vol. 3. **História e memória da educação no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005, p. 68-79.

BRASIL. Decreto nº 21.366, de 5 de maio de 1932. Declara que o segundo domingo de maio é consagrado às mães. **Diário Oficial da União**, Seção 1, Rio de Janeiro, 9 de maio de 1932.

CAMARGO, Mariza Fosca de. Maternidade: simples assim. *Sapere Aude – Belo Horizonte*, v.4 - n.7, p.477-482 – 1º sem. 2013. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/5592/5509> Acesso em 14 de mai. de 2020.

CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DO SUL DE SANTA CATARINA - CEMESSC. **Jornal Escolar O Estudante Orleanense**. Maio de 1957. Disponível em: http://www.bib.unesc.net/pergamum/biblioteca/index.php?codAcervo=104293#posicao_dados_acervo. Acesso em: 08 jan. 2020.

CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DO SUL DE SANTA CATARINA - CEMESSC. **Jornal Escolar O Estudante Orleanense**. Maio de 1961. Disponível em: http://www.bib.unesc.net/pergamum/biblioteca/index.php?codAcervo=104293#posicao_dados_acervo. Acesso em: 08 jan. 2020.

CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DO SUL DE SANTA CATARINA - CEMESSC. **Jornal Escolar O Estudante Orleanense**. Maio de 1963. Disponível em: http://www.bib.unesc.net/pergamum/biblioteca/index.php?codAcervo=104293#posicao_dados_acervo. Acesso em: 08 jan. 2020.



MARTINS, C. G.; RABELO, G. O Jornal Escolar "O estudante Orleanense" e as representações de maternidade e mãe: um diálogo possível com a filosofia.

CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO DO SUL DE SANTA CATARINA - CEMESSC. **Jornal Escolar O Estudante Orleanense**. Maio de 1962. Disponível em: http://www.bib.unesc.net/pergamum/biblioteca/index.php?codAcervo=104293#posicao_dados_acervo. Acesso em: 08 jan. 2020.

CORDEIRO, Mariana Sbaraini. Mãe: A Invenção da História. In.: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., Florianópolis, 2013. **Anais Eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2013. ISSN 2179-510X. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386710409_ARQUIVO_MarianaSbarainiCordeiro.pdf. Acesso em: 08 jan. 2020.

EMIDIO, Thassia Souza. **Diálogos entre Feminilidade e Maternidade**: Um estudo sob o olhar da Mitologia e da Psicanálise. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

FRAZÃO, Dilva. Martins Fontes: poeta brasileiro. **Ebiografia**. Última atualização em 25 de agosto de 2016. Disponível em https://www.ebiografia.com/martins_fontes/. Acesso: 07 de set. de 2020.

LIMA, Raquel dos Santos. TEIXEIRA, Igor Salomão. Ser mãe: o amor materno no discurso católico do século XIX. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p.113-126, jun. 2008. Disponível em <file:///C:/Users/User/Downloads/Dialnet-SerMae-4740643.pdf>. Acesso em 07 de set. de 2020.

MARINHO. Joseanne Zingleara Soares. Como deve cuidar do seu filho: a puericultura no Piauí no período de 1930 a 1945. In.: ENCONTRO INTERNACIONAL HISTÓRIA, MEMÓRIA, ORALIDADE E CULTURAS, 2., 2014. **Anais...** Fortaleza: UECE, 2014. Disponível em: http://www.uece.br/eventos/2encontrointernacional/anais/trabalhos_completos/138-28513-09112014-105742.pdf. Acesso em: 05 out. 2016.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **A medicina da mulher**: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XIX. 2000. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000212201>. Acesso: 08 de fev. 2020.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Memórias maternas: experiências da maternidade na transição do parto doméstico para o parto hospitalar. **Revista História Oral**, v. 8, n. 2, p. 61-76, jul./dez. 2005. Disponível em: http://www.revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&o_p=viewFile&path%5B%5D=174&path%5B%5D=179. Acesso: 08 jan. 2020.

NASCIMENTO. Edna Maria Fernandes dos Santos. Joia De Emi Bulhões: Um Retrato da Forma de Vida da Mulher da Década de 40. *Revista Alere - Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-Ppgel - Ano 07, Vol. 10, N. o 02, dez. 2014*. Disponível em <file:///C:/Users/User/Downloads/aroldoabreu,+1288-4476-1-CE.pdf>. Acesso em 08 jan. 2020.

SANTA CATARINA. Decreto nº 2.991, de 28 de abril de 1944. Aprova instruções para as associações auxiliares da escola. **Diário Oficial do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis, SC, 28 de abril de 1944. Disponível em:



MARTINS, C. G.; RABELO, G. O Jornal Escolar "O estudante Orleanense" e as representações de maternidade e mãe: um diálogo possível com a filosofia.

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/134128/Decreto%20n.%202991%2c%2028%20abril%201944%2c%20SC.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 mar. 2020.

SCHUMAHER, Maria Aparecida; BRAZIL, Erico Vital. **Dicionário Mulheres do Brasil:** de 1500 até a atualidade. Biográfico e ilustrado. [S.l.]: Editora Zahar, 2000. 568 p.

Enviado em: 11/09/2020 | Aprovado em: 07/09/2022

